

## QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA GEOGRAFIA NO LIMIAR DO SÉCULO XXI: A QUESTÃO DA PROBLEMÁTICA NA DICOTOMIA GEOGRAFIA FÍSICA X GEOGRAFIA HUMANA\*

Evandro César CLEMENTE\*\*

Linha de Pesquisa: Estudos Agrários

Nível: Doutorado

Diante do tema proposto, procuramos tecer algumas considerações de ordem teórico-metodológica da Geografia neste início do século XXI, enfatizando o problema da dicotomia entre a Geografia Física e a Geografia Humana. Esta problemática tem marcado toda a Geografia Moderna. Para isto elegemos o eixo transversal “Teoria e Método em Geografia”.

A Geografia tem como objeto de estudo o espaço. É no espaço que o homem organiza as suas atividades produtivas e onde se dão as relações sociais. O Homem ao longo do tempo se apropriou da Natureza para produzir seus meios de sobrevivência. A maneira como o Homem se apropriou (a) da natureza se deu de modos distintos ao longo do tempo. Portanto, Sociedade e Natureza constituem um par dialético e estão contidos no espaço. Lembrando que Milton Santos enfatiza que o “espaço é uma acumulação desigual de tempos”.

Cabe sublinhar que o par dialético espaço-tempo foi “separado” pela fragmentação do conhecimento científico no século XIX pela forte influência do positivismo, entre as respectivas disciplinas Geografia e História. Dado o exíguo espaço deste ensaio, optamos por aprofundar a questão ligada à Sociedade x Natureza, expressa dentro da Geografia na dicotomia entre Geografia Humana e Geografia Física.

A Geografia até o século XIX ainda carecia de uma individualidade, o conhecimento geográfico estava “diluído” num único corpo de conhecimento. A partir de então, em razão das circunstâncias políticas, econômicas, culturais, etc.. a Geografia passou a ser sistematizada. Como dito anteriormente, o positivismo teve forte influência na ciência desta época e ocorreu uma fragmentação do conhecimento científico em ciências humanas, ciências da terra e exatas. Cada qual, de acordo com seus objetos de estudos desenvolveram métodos próprios, porém dentro de cada grande área: humana ou natural.

A Geografia como ciência apresenta uma singularidade dentre as ciências por ter um objeto de estudo muito vasto e amplo. Carente de um método próprio que desse conta de estudar elementos naturais e humanos, a Geografia dentro da corrente tradicional passou a se preocupar em estudar inicialmente a natureza sem Homem. Isto se mostra até compreensível, dado que Humboldt e outros geógrafos lançaram seus olhares em espaços muitas vezes sem o homem.

A dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana surgiu e se fortaleceu dentro da Corrente Possibilista, que deu muita ênfase nos aspectos humanos e sociais em detrimento dos físicos.

No início do século XX, De Martonne passou a estudar o meio físico dividido em vários ramos. Em sua obra “Tratado de Geografia Física” ele apresenta os primeiros passos para o surgimento dos sub-ramos dentro da Geografia Física: Geomorfologia, biogeografia e a climatologia. Cabe lembrar que a constituição destes ramos se deu influenciados pela Geologia, biologia e meteorologia.

A partir da Segunda Guerra Mundial, o advento do neopositivismo deu origem ao chamado movimento de “renovação” da Geografia, que pretendia superar os métodos de pesquisa consagrados pela Geografia Tradicional como o empirismo, a observação e a descrição. Com a invenção do computador e as circunstâncias econômicas, políticas, sociais e geopolíticas da época,

---

\* Texto elaborado na prova de Conhecimentos Específicos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, em julho de 2007.

\*\* Contato: evandrospsc@hotmail.com

passou-se a utilizar modelos matemáticos e quantitativos, bem como a Teoria dos Modelos e a Teoria dos Sistemas. Apesar do método “renovado”, a Geografia persistiu mascarando a dominação e o acirramento das desigualdades sociais e espaciais derivados da expansão do capitalismo.

Com a Nova Geografia acentuou-se ainda mais a clivagem já existente entre Geografia física e humana, pois os geógrafos físicos passaram a utilizar maciçamente os modelos estatísticos e quantitativos, bem como a Teoria dos Sistemas. Para eles, tais metodologias conferiram o caráter científico que faltava à Geografia. Passaram, portanto, a ignorar as produções dos geógrafos humanos, por considerá-las muitas vezes como meras divagações desprovidas de cunho científico.

No início dos anos 1960, em face das grandes desigualdades sociais e espaciais e aintensa exploração que os trabalhadores estavam submetidos no sistema capitalista que já iniciava a sua fase de mundialização, houve o surgimento da Corrente da Geografia Crítica pela influência do Materialismo Histórico Dialético (Marxismo). Os geógrafos desta corrente passaram a se preocupar em denunciar/criticar a exploração e a desigualdade. Porém, o problema da dicotomia entre a Geografia Física e a Geografia Humana persistia, pois os geógrafos marxistas se afastaram dos geógrafos físicos, tido como a-críticos e que estavam a serviço do grande capital.

É lícito reconhecer, no entanto, que para explicar os mecanismos internos de funcionamento da natureza, a Teoria dos Sistemas e as metodologias derivadas a partir desta, como o Geossistema, a Ecogeografia, o Estudo da Paisagem, são as metodologias mais apropriadas para explicar as leis de funcionamento da natureza, pois esta possui leis próprias, e, portanto, distintas das leis que regem a Sociedade (MENDONÇA, 1993).

Friedrich Engels em a “Dialética da Natureza” tentou explicar os mecanismos de funcionamento da natureza tendo por base o materialismo histórico dialético. Não obteve sucesso, pois sua obra fez muitas concessões ao positivismo e ao darwinismo. De modo que as leis válidas para a sociedade não podem ser transpostas sem critério para a Natureza. A dialética é um método fortemente preocupado com a superação social, diferente do funcionamento da natureza.

Visto por este ângulo, a questão metodológica dentro da Geografia Moderna se apresenta de forma complexa. Não superou-se ainda a dicotomia Geografia Física x Geografia Humana, calcada na visão ocidental do homem como elemento externo à natureza.

Diante do exposto, podemos fazer uma alusão à “evolução” da Geografia na citação de Norbert Elias “Sobre o tempo”, quando diz: “... ainda nos servimos amplamente de um aparelho conceitual que traça uma linha demarcatória muito clara entre os planos da integração física, social e individual. [...]. Do mesmo modo, a sociedade e a natureza aparecem frequentemente como mundos separados”...

Nos anos 1970 veio à tona os graves problemas ambientais ocasionados pela forma predatória de apropriação dos recursos naturais pelo capitalismo. A Conferência de Estocolmo em 1972 foi um marco do início da preocupação com a questão ambiental. Neste sentido, diante de problemas como o aquecimento global, a destruição da camada de ozônio, a poluição do ar, da água e dos solos, os geógrafos físicos passaram a sentir a necessidade cada vez maior de compreender a organização social do modo de produção capitalista de maneira a entender os reflexos disso na natureza. Com isto, tem ocorrido recentemente uma tímida reaproximação entre os geógrafos físicos e humanos, o que pode ser ou vir a ser o início de um novo caminho a ser percorrido pela Geografia.

Cabe sublinhar, que a dialética pode nos fornecer uma base para o entendimento de como a sociedade se apropria da natureza, mas não para explicar os mecanismos internos do seu funcionamento.

Francisco Mendonça (1993) enfatiza a necessidade de superarmos a clivagem Geografia Humana x Geografia Física e construir uma Geografia Global, capaz de resgatar o velho objetivo da Geografia de estudar de forma integrada Sociedade e Natureza.

Neste momento, início do século XXI, a Geografia encontra-se numa situação crucial, dada as transformações em curso na realidade e sua complexidade teórico-metodológica. Porém, o caminho a ser percorrido em direção à Geografia Global não é nada fácil. Podemos fazer um paralelo desta situação da Geografia com a bela citação de Nietzsche: “Assim falou Zaratrusta”,

quando ele expõe que: “Vê esta porteira... Ela tem duas faces. Dois caminhos se juntam aqui: ainda ninguém os seguiu até o fim. Este longo corredor para trás: ele dura uma eternidade. E aquele longo caminho para a frente – é uma outra eternidade. Estes caminhos se contradizem: eles se chocam frontalmente e é aqui nesta porteira que eles se juntam...” Podemos fazer uma alusão aos ‘dois caminhos’ comparando os caminhos distintos até então percorridos pela Geografia Física e Geografia Humana. O ‘instante’ seria o momento atual, frente às necessidades de se buscar um outro caminho: a Geografia Global.

A Geografia é uma ciência humana, mas que possui o objetivo de estudar as interações homem/meio.